

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

IMPLICAÇÕES DA PRESENÇA DO PAI NO DESENVOLVIMENTO EMOCIONAL E NA FORMAÇÃO DE CARÁTER DO FILHO

Antenor A. Selmer Filho, Ivan Fernandes e Valdeci Santana

Bacharel em Teologia pelo Unasp, Campus Engenheiro Coelho, SP

TCC apresentado em dezembro de 2008

Orientador: Natanael B.P.Moraes, Dr.

Resumo: Diante do crescente número de divórcios e de famílias compostas somente por uma parte dos cônjuges, a relevância da presença da figura paterna durante os primeiros anos de desenvolvimento infantil tem sido contestada nos meios acadêmicos e sociais. Até que ponto a ausência tem sido prejudicial para a formação do caráter e do desenvolvimento emocional do filho? O objetivo deste estudo é o de examinar e buscar respostas através de pesquisas, quais são as típicas conseqüências emocionais e comportamentais, que serão marcantes nesta criança quando alcançar a idade adulta. Nesta pesquisa, foi feita uma análise sobre o sentido da família, da relevância da afetividade paterna, foi feito, também, um estudo sobre os diversos modelos de paternidades, e de uma parte mais prática, onde são apresentados as típicas implicações e seqüelas causadas por esta ausência.

Palavras-Chaves: Caráter; criança; desenvolvimento; pai; presença.

Implications of the Presence of the Father in the Emotional Development of the Character of a Child

Abstract: In view of the growing number of divorces and of single parent's families, the relevance of the presence of the father in the first years of the life of a child has being a contested issue in the academic field. To which point his absence has a negative impact in the development of the character of a child and on his emotions? Are there any emotional or behavioral consequences? The objective of this study is to examine the issue and look for answers to these questions. This research analyzed the meaning of family, and the relevance of fatherly affectivity. It also investigated the diverse models of fatherhood, and, in a practical side, where may occur sequels and the negative results of its absence.

Keywords: Character; Child; Development; Father; Presence.

Centro Universitário Adventista de São Paulo
Campus Engenheiro Coelho
Faculdade Adventista de Teologia

IMPLICAÇÕES DA PRESENÇA DO PAI NO DESENVOLVIMENTO EMOCIONAL
E NA FORMAÇÃO DE CARÁTER DO FILHO

Trabalho de Conclusão de Curso
Apresentado em Cumprimento Parcial
dos Requisitos para Obtenção do Título de
Bacharel em Teologia
Orientador: Prof. Natanael B.P.Moraes

por

Antenor A. Selmer Filho, Ivan Fernandes e Valdeci Santana

Novembro de 2008

IMPLICAÇÕES DA PRESENÇA DO PAI NO DESENVOLVIMENTO EMOCIONAL E NA FORMAÇÃO DE CARÁTER DO FILHO

Resumo

Diante do crescente número de divórcios e de famílias compostas somente por uma parte dos cônjuges, a relevância da presença da figura paterna durante os primeiros anos de desenvolvimento infantil tem sido contestada nos meios acadêmicos e sociais. Até que ponto a ausência tem sido prejudicial para a formação do caráter e do desenvolvimento emocional do filho? O objetivo deste estudo é o de examinar e buscar respostas através de pesquisas, quais são as típicas conseqüências emocionais e comportamentais, que serão marcantes nesta criança quando alcançar a idade adulta. Nesta pesquisa, foi feita uma análise sobre o sentido da família, da relevância da afetividade paterna, foi feito, também, um estudo sobre os diversos modelos de paternidades, e de uma parte mais prática, onde são apresentados as típicas implicações e seqüelas causadas por esta ausência.

Palavras-Chaves: Caráter; criança; desenvolvimento; pai; presença.

Abstract:

In view of the growing number of divorces and of single parent's families, the relevance of the presence of the father in the first years of the life of a child has being a contested issue in the academic field. To which point his absence has a negative impact in the development of the character of a child and on his emotions? Are there any emotional or behavioral consequences? The objective of this study is to examine the issue and look for answers to these questions. This research analyzed the meaning of family, and the relevance of fatherly affectivity. It also investigated the diverse models of fatherhood, and, in a practical side, where may occur sequels and the negative results of its absence.

Keywords: Character; Child; Development; Father; Presence.

I - O PAPEL DA FAMÍLIA NO DESENVOLVIMENTO DOS FILHOS

1.1. Conceitos de família

Os problemas apresentados na sociedade são o reflexo dos problemas gerais encontrados nas famílias, pois a sociedade é composta de famílias, portanto, podemos dizer que família é o coração, o núcleo da sociedade.

O termo família vem do latim *familia* e significava “conjunto de escravos da casa; casa de família”.¹ Atualmente o conceito é: “família, o Pai, a mãe e os filhos;

¹ Evaldo Heckler, *Dicionário morfológico da língua portuguesa* (São Leopoldo, RS: Unisinos, 1984), 1672.

pessoas do mesmo sangue; descendência; linhagem”.¹ Ferreira também aceita como parte da família os filhos admitidos por adoção.²

Maurício Kobel tem um conceito mais abrangente, “a família constituída de pai, mãe e filhos é uma ‘família reduzida’”.³ Mas vários autores concordam com a sua afirmação de que “família é o núcleo da sociedade”.⁴

Jamiel Lopes traduz o conceito de família de três maneiras: primeiro “um grupo social caracterizado pela residência comum, pela cooperação econômica e pela reprodução”.⁵ O segundo é, “um grupo doméstico no qual pais e filhos moram juntos”.⁶ E o terceiro, “unidade grupal na qual se desenvolvem três tipos de relações pessoais: aliança (casal), filiação (pais e filhos) e consangüinidade (irmãos)”.⁷ Estes conceitos resumem o termo família como sendo um grupo de pessoas com residência comum que se relacionam emocional e economicamente. Entretanto ele diz que uma pessoa normal pode pertencer a duas famílias: uma de orientação (onde nasceu) e outra de procriação (a que constitui); sendo assim, família não se caracteriza por morar junto,⁸ mas sim ter relacionamento afetivo ou ligação sangüínea.

Nossos vínculos familiares poderiam se caracterizar basicamente por nossos laços sangüíneos (pais e filhos) e emocionais (maridos e esposas); porém se um filho (a) sair de casa, não deixará de pertencer a família apenas por não participar da mesma residência. Enfim, família vai além de quatro paredes, abrange nossos vínculos sangüíneos desde primos, tios e avós, como também os vínculos afetivos com as mulheres dos tios, ou maridos das tias.

Pode-se perceber que família significa relação, união, cumplicidade, seja como o termo era aplicado antigamente (dono-escravo) ou atualmente (pai-mãe-filhos – descendência). Portanto a responsabilidade que repousa no líder familiar é expressiva, pois o bom desempenho da vida familiar, o desenvolvimento emocional e a formação do caráter de seus descendentes dependem do seu tempo e preparo investidos.

¹ Aurélio Ferreira, *Pequeno dicionário brasileiro da língua portuguesa* (São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1972), 535.

² Ibid.

³ Maurício Knobel, *Orientação familiar* (Campinas, SP: Papyrus, 1992), 21, 31.

⁴ Ibid. - Frida K. Frademann y Orlando J. Morgues, *S.O.S. Salvemos la familia: antes que se hunda la cultura cristiana occidental.* (Santiago del Chile: Nacional Unurraga Impressores S.A., 1994), 167 – “La familia núcleo fundamental de la sociedad.”; Maria C. B. de Carvalho (org.) *A Família contemporânea em debate* (São Paulo: EDUC/Cortez, 2000), 40. – “Esta é uma estrutura universal, e qualquer sociedade humana se forma pela combinação destas relações”; M.B.L. Della Torre, *O Homem e a sociedade: uma introdução à sociologia* (São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1971), 188. – “Pelas funções que desempenha é considerada instituição fundamental na sociedade”; Grunlan A. Stephen, *Marriage and the family: a christian perspective* (Grand Rapids, Michigan: The Zonderman Corporation, 1984), 32. – “The family is the basic social unit in every society”; Ellen G. White, *Conselhos aos professores, pais e estudantes (CPPE)*, (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2000), 396. – “O coração da coletividade, da igreja e da nação, é o lar”.

⁵ Jamiel Lopes, *Seu filho adolescente e você* (São Paulo: Candeia, 1995), 67.

⁶ Ibid.

⁷ Ibid.

⁸ Ibid.

É na família que se desenvolvem os primeiros traços de carácter e que se formam os valores morais e éticos. A habilidade em se relacionar com o meio social, em resolver situações e até mesmo na maneira que uma pessoa reage em certas situações varia de acordo com a formação familiar que teve.

A vida em família exige de todos os envolvidos: compreensão, domínio-próprio, cooperação, paciência e dedicação; virtudes indispensáveis para a formação do carácter. Portanto o próprio convívio familiar já é uma forma de desenvolver o carácter. Para que haja harmonia e bom relacionamento na família, cada membro deve se preocupar com a felicidade do outro.

1.2. O papel que a família desempenha

A família foi instituída por Deus conforme está relatado em Gênesis capítulo 2 verso 18: “não é bom que o homem esteja só” e verso 24: “Por isso, deixa o homem pai e mãe e se une à sua mulher, tornam-se os dois uma só carne”.¹

Esta instituição tem como objetivo a perpetuação da espécie e a transmissão de valores morais e espirituais. Em Gênesis 1:28, a Palavra do Senhor é bem explícita na ordem para “ser fecundos e multiplicar”, e em Deuteronômio 4:6 e 7 e Provérbios 22:6 na ordem para ensinar as palavras do Senhor para os filhos e o caminho a seguirem. Explicando a passagem de Provérbios, Ellen White diz: “O ensino que Salomão ordena, consiste em dirigir, educar, desenvolver”.² Mas os pais primeiro necessitam eles próprios compreender o caminho. É papel fundamental da família desenvolver em seus membros um carácter tal que produza união, harmonia e felicidade, e que seja transmitido além do círculo de seus membros. É na escola do lar que deve a criança aprender lições de respeito, obediência, reverência e domínio-próprio.

O propósito da família se divide em dois parâmetros sendo eles básico e subsidiário; mas apesar de se dividirem, é essencial que estejam sempre juntos, pois se complementam. O básico é composto pelas funções: sexual, reprodutiva, econômica e educacional; enquanto o subsidiário envolve o preparo religioso, político, jurídico (sendo estes uma continuidade da educação, uma das funções básicas da família) e também a parte recreativa. Lopes estabelece a família como agente educador que tem duas funções específicas: a socializadora, encarregada da herança cultural e social (linguagem, usos, costumes, valores, crenças) e a social, responsável pela conquista de diferentes status (étnico, nacional, religioso, residencial, de classe, político e educacional).³

É na família que se recebe a primeira herança cultural e social; que a pessoa é preparada para enfrentar o mundo fora do círculo protetor dos pais. Portanto, o principal papel que a família desempenha é formar pessoas com bom carácter e bem estruturadas emocionalmente. É na família que a criança e o juvenil recebem a carga emocional positiva ou negativa que influenciará o restante de sua vida e refletirá principalmente na adolescência. Portanto, prover a cada criança uma carga emocional positiva é um dos papéis mais importantes da família. Outra tarefa não menos importante é a formação do carácter, e para isso deve haver disciplina. Ellen White escreveu que “as influências

¹ Salvo indicação contrária, todas as referências neste artigo são da Versão de João Ferreira de Almeida (São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993).

² White, *CPPE*, 108.

³ Lopes, 68.

educativas do lar são uma força decidida para o bem ou para o mal”,¹ e que “é impossível descrever os males que resultam de deixar a criança entregue à sua própria vontade”.²

1.3. Exemplos bíblicos do papel específico do pai

Diversos pais, como chefes do lar, pensam estarem cumprindo com sua parte apenas atendendo às necessidades econômicas tanto da esposa como dos filhos, mas, o papel do pai vai muito além da subsistência. Deve ser o objetivo de cada pai dar a seus filhos cultura intelectual e ensino moral. “Sobre todos os pais repousa o dever de proporcionar instrução física, mental e espiritual. Deve ser o objetivo de cada pai alcançar para seu filho um caráter bem equilibrado, simétrico”.³

A educação, hoje, é centralizada quase que exclusivamente na escola, mas na época dos patriarcas bíblicos era centralizada na família, e “Deus provia às escolas assim estabelecidas as mais favoráveis condições para o desenvolvimento do caráter”.⁴ É tarefa do pai oferecer amor, carinho e educação, e é indispensável para a formação dos filhos que eles aprendam a obedecer.⁵ Esta obediência deve ser exigida com amor.

Ross Campbell faz uma relação entre a disciplina e a educação e corretamente diz que o castigo não é senão uma parte muito pequena da disciplina; e que quanto menos precisar usar o castigo, mais disciplinada é a criança. Ele diz que “quanto mais os pais olham nos olhos do filho a fim de expressar seu amor, mais nutrem a criança com amor e enchem o seu tanque emocional”.⁶ Ele descreve a necessidade do contato físico e visual entre pais e filhos, mas ressalta que o pai deve procurar desenvolver e dar uma atenção concentrada, que é a “atenção completa, não dividida, de maneira que sinta, com certeza, que é completamente amada”.⁷

O amor é indispensável na vida familiar. “O alicerce de um relacionamento sólido com os filhos é o amor incondicional”.⁸ Esse amor assegura que “sentimentos de rancor, culpa, medo, insegurança, falta de amor não se tornem grandes problemas”.⁹ As ocasiões em que o contato visual e físico foram percebidos, em que a criança recebeu atenção concentrada, ficam marcadas em sua vida. “Essas são as ocasiões de que seu filho vai se lembrar quando estiver em meio às angústias da adolescência, quando encontrar-se no conflito da rebelião de um lado *versus* o afeto por seus pais do outro”.¹⁰

¹ White, *CPPE*, 107, 112.

² *Ibid.*, 107.

³ *Ibid.*

⁴ *Idem*, *Educação* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2003), 33.

⁵ *Ibid.*

⁶ Ross Campbell, *Como realmente amar seu filho* (São Paulo: Mundo Cristão, 2005), 37, 48, 66, 75.

⁷ *Ibid.*, 62.

⁸ *Ibid.*, 123.

⁹ *Ibid.*

¹⁰ *Ibid.*

Grifos originais. Mas se “não existe um elo de amor forte e saudável com os pais, o filho reage à orientação deles com raiva, hostilidade e ressentimento”.¹

Ele também conta duas experiências. A primeira é de quatro filhos de um treinador de recrutas no Corpo de Fuzileiros Navais dos Estados Unidos. Esse pai tratou os filhos como se fossem recrutas com disciplina estrita e rígida, sem afeto, com uma obediência imediata e sem pergunta. A segunda é do filho de um pastor o qual se mostrava afetuoso com o garoto, abraçando-o, beijando-o e brincando de lutar com ele estabelecendo contato físico. O filho do pastor cresceu com identificação sexual forte e saudável, sentindo-se seguro, feliz, sendo menino por inteiro, enquanto cada filho do treinador de recrutas mostrava-se extremamente afeminado. E ele conclui que os meninos com os pais severos demais, demonstrando rejeição e falta de amor, geralmente tornam-se afeminados.²

Toda criança tem o direito de receber total atenção e amor de seus pais, sem o qual crescerá tendo dificuldades de relacionamentos e em aceitar ou responder ao amor. “A privação de amor cria um vácuo no qual a depressão, a alienação e mesmo a revolta podem achar lugar no coração dessas crianças. Quando crescem, com muita frequência, formam estruturas patológicas de caráter”.³ As conseqüências da falta de amor ultrapassam as fronteiras do lar. “É a falta de amor e piedade e a negligência de adequada disciplina no lar que suscitam tanta dificuldade nas escolas e nos colégios”.⁴

Quando, porém, o pai mantém um “relacionamento com base punitiva impede o filho de desenvolver uma consciência normal e responsável para que possa ser bem ajustado e controlar seu comportamento”.⁵ A falta de paciência e a irritação devem ser reprimidas para que os pais não desanimem os filhos. Conforme diz Ellen White, “Alguns pais suscitam muita tempestade por sua falta de domínio próprio”.⁶ E é o que mais acontece, chega-se em casa fatigado por mais um dia de trabalho, com a mente cheia de preocupações e não se consegue manter um espírito calmo. Pais esquecem que são o principal exemplo para os filhos e que antes das palavras de ensinamento, os filhos copiarão as atitudes. “Podeis ser firmes e ao mesmo tempo bondosos”.⁷

Exemplo desta educação com amor é o que se vê na vida de José. Jacó tomava tempo para contar a José episódios de sua vida e como recebeu o título de príncipe com Deus quando renunciou pecados acariciados. José fora ensinado, em sua meninice, a amar e temer a Deus. Com o estudo das grandes verdades transmitidas como um sagrado legado de pai a filho, ele adquiriu vigor mental e firmeza de princípios. A vida pura e simples de José guiando o rebanho de seu pai lhe favoreceu o desenvolvimento das capacidades física e mental. Indo para o Egito, recordou-se das lições da infância e sua alma fremiu com a determinação de mostrar-se verdadeiro. Tinha aprendido a lição

¹ Ibid.

² Ibid., 97-99.

³ Augusto Santos, *Relacionamento familiar* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2002), 92.

⁴ Ellen G. White, *Fundamentos da educação cristã* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2002), 66.

⁵ Campbell, 133.

⁶ Ellen G. White, *Testemunhos seletos* (Santo André, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1954), 1:133.

⁷ Ibid., 138.

da obediência ao dever.¹ Isso não é descrito em referência a nenhum dos outros filhos de Jacó, o que nos sugere que ele tomava mais tempo para José dando-lhe mais amor e atenção. E o resultado foi uma enorme diferença de caráter entre ele e seus irmãos mais velhos, que chegaram ao extremo de o venderem como escravo por ciúmes. Ciúmes que, herdaram de suas mães; “O ciúme das várias mães havia amargurado a relação da família; os filhos cresceram contenciosos e sem a devida sujeição”.² Mas, “José era de caráter diverso, era puro, ativo, alegre e tinha firmesa moral. Ele escutava as instruções do pai”.³

Muitos pais pendem para outro extremo, o de não corrigir os filhos ou de exigir a obediência deles, mas as crianças sentem segurança quando os limites são estabelecidos e cobrados. “A felicidade de toda criança pode ser assegurada por disciplina forte, equilibrada”.⁴ No entanto, se a educação for rigorosa, mas sem direção, não deixando que os jovens pensem e procedam por si mesmos conforme sua capacidade mental, produzirá debilidade em força mental e moral; portanto, os pais devem garantir que seus filhos desenvolvam-se “no pensar, nos sentimentos de respeito por si mesmos e na confiança na própria capacidade de executar”.⁵

É tarefa do pai ensinar o respeito mútuo, a obediência às leis de Deus e a fidelidade aos princípios morais que controlarão a vida da criança quando na fase adolescente, jovem e por toda a vida. Ellen White diz: “todo lar cristão deve ter regras: e os pais devem, nas palavras e no comportamento mútuo, dar aos filhos um precioso e vivo exemplo do que anseiam que eles sejam”.⁶

Exemplo da diferença entre ensinar a obediência e deixar crescer sem exigí-la é visto entre Isaque e os filhos de Eli – Ofni e Finéias.

Isaque havia crescido ao lado de Abraão, e por ele fora educado no caminho da obediência e temor a Deus, tanto que, ao chegar ao cimo do monte Moriá e receber a notícia de que seria ele o “cordeiro” a ser sacrificado, obedeceu (Gn 22). Deste episódio, Ellen White escreve que Isaque soube da sua sorte com terror e espanto, mas não ofereceu resistência. Facilmente poderia escapar de seu pai que já era velho e estava debilitado pela angústia dos três dias de pesar. “Isaque, porém, tinha sido educado desde a meninice a uma obediência pronta e confiante, e, ao ser o propósito de Deus manifesto perante ele, entregou-se com voluntária submissão”.⁷

Abraão se mostrou um pai afetuoso, justo e não condescendente ou transigente. De Abraão Deus disse: “Porque eu o escolhi para que ordene a seus filhos e a sua casa depois dele, a fim de que guardem o caminho do Senhor e pratiquem a justiça e o juízo” (Gn 18:19).

Eli foi um pai transigente, não exigiu obediência de seus filhos. O resultado foi imoralidade e tamanha falta de temor a Deus que fornicavam com as mulheres que serviam à tenda da congregação e retiravam do sacrifício o que não lhes pertencia. Ellen

¹ Idem, *Educação*, 52.

² Idem, *Patriarcas e profetas (PP)*, (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2003), 208.

³ Ibid., 209.

⁴ Idem, *Mente, caráter e personalidade (MCP)*, (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1989), 1: 171.

⁵ Idem, *Fundamentos da educação cristã* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1996), 17.

⁶ Idem, *MCP*, 172.

⁷ Idem, *PP*, 152.

White descreve Eli como alguém que amava a paz e a comodidade e que se submetia à vontade de seus filhos. “Eli recuou ao dever de dirigir e governar seus filhos porque implicava em contrariar a vontade deles e tornaria necessário puni-los e repudiá-los”.¹ Mesmo após a profecia de Samuel, pode-se notar a fraqueza de Eli nas palavras: “Por que fazeis tais coisas? Pois de todo este povo ouço constantemente falar do vosso mau procedimento. Não, filhos meus, porque não é boa fama esta que ouço; estais fazendo transgredir o povo do Senhor” (1 Sm2:23, 24). O resultado desta fraca correção é que seus filhos não ouviram a voz de seu pai.

Para pais que pertencem à igreja adventista Ellen White escreveu: “os pais adventistas do sétimo dia devem compreender de maneira mais ampla a sua responsabilidade como construtores de caráter”.²

Neste capítulo, pode-se notar que família envolve relacionamento e que é seu papel propiciar condições favoráveis para que seus integrantes possam se desenvolver da maneira mais saudável possível. Vimos também que o pai como líder da família deve assumir suas responsabilidades para o pleno desenvolvimento de seus filhos. Pode-se notar que amor, atenção, disciplina, e contato físico são indispensáveis para que os filhos obtenham um crescimento maduro e estável; para que mantenham um bom relacionamento com os outros e sejam emocionalmente seguros.

Concluimos, portanto, que faz parte das responsabilidades da família, mais especificamente do pai, propiciar um ambiente onde os filhos tenham todos os ingredientes citados acima. Por mais difícil que seja, deve o pai dedicar aos filhos tempo e atenção, não deixando de exigir deles disciplina e uma boa educação.

II - A AFETIVIDADE: UMA RELEVANTE COLUNA NO RELACIONAMENTO FAMILIAR

2.1. O que é afetividade

A palavra afetividade é definida no dicionário Aurélio como sendo um substantivo feminino derivado do adjetivo “afetivo”,³ que por sua vez é oriunda do substantivo masculino “afeto”,⁴ onde o mesmo dicionário descreve como: 1) Afeição, amizade, amor; 2) objeto de afeição.⁵ Já, o dicionário trilingue, descreve como sendo atitude de carinho, e como algo pertencente à afeição e ao afeto, a afetuosidade e a dedicação de amizade, apresentando o afeto como sendo um adjetivo de emocional; forma de linguagem para transmissão de emoção. Na linguagem psicológica relativa à afeição e ao afeto; como subordinado a vida afetiva.⁶

¹ Idem, *PP*, 575.

² Idem, *CPPE*, 131.

³ Aurélio Ferreira, “afetividade”, *Mini Aurélio, O dicionário da língua portuguesa* (Curitiba, PR: Editora Positivo, 2004), 99.

⁴ Ibid.

⁵ Ibid.

⁶ Manuel F. de Magalhães, *Dicionário trilingue português, francês e inglês* (Lisboa, Portugal: Editora Confluência Limitada, 1960), 176. Ver também em: Professor Francisco da S. Bueno, *Grande dicionário da língua portuguesa – Lisa* (São Paulo: Editora Lisa, 1985), 18.

Marcio M. Negrão, em sua pesquisa sobre os *Transtornos do Humor II*, diz que os afetos podem ser vistos como conseqüências das ações do indivíduo que visam à satisfação de suas necessidades corporais ou psíquicas. Se essas ações são bem sucedidas, o afeto é agradável, caso contrário, desagradável.¹ No entanto, a palavra afeto tem sua origem no latim *officere*, que significa influenciar, afetar, no qual Negrão conclui, que o conceito de afetividade possui quatro subdivisões relevantes para sua compreensão:

1) As emoções são afetos agudos, momentâneos, acompanhados por uma hiperatividade do sistema nervoso autonômico. Sendo assim, são estados afetivos intensos, de curta duração. São experiências psíquicas e somáticas que ocorrem ao mesmo tempo, produzindo uma alteração global da dinâmica pessoal. 2) Os sentimentos são estados afetivos menos intensos e mais duradouros que as emoções, sem alterações físicas, pertencendo assim mais à esfera psíquica do que somática. Possuem uma natureza mais cognitiva do que as emoções, estando por essa razão, mais direcionados para experiências intelectuais. Geram estados afetivos característicos como tristeza, amizade, amor e alegria. 3) As paixões são estados afetivos intensos, acoplados a idéias, que conseguem monopolizar e dirigir a atenção e o comportamento. 4) O humor representa a somatória dos estados afetivos presentes num indivíduo a um dado momento, podendo ser definido também como estado de ânimo ou tônus afetivo, sendo um estado afetivo basal, não se relacionando a nenhum objeto específico. Sendo assim, o humor pode ser alegre, triste, irritável, calmo ou ansioso.²

Na busca de respostas para compreensão e relevância da afetividade e do vínculo, Maria da P. Nery diz: “ser as marcas afetivas que influenciam a cognição e a conduta do ser humano vividas no círculo da família, dos amigos e da sociedade, principalmente na infância, adolescência e boa parte da juventude”.³

2.2. O desenvolvimento da afetividade

Quem é, como vive, como interpreta o que se passa ao redor e como reage são os reflexos diretos do que recebeu no aconchego de casa junto aos pais, irmãos e o meio social em que o indivíduo cresceu e se desenvolveu.

Com o corre-corre da vida, têm-se deixado de lado aspectos relevantes para o bom desenvolvimento da criança, como: o amor, o afeto, o calor humano, o carinho e a afetividade, para que ela venha ser uma pessoa equilibrada. Será que os nossos avós, pais e a sociedade, enfim, esqueceram a relevância desses itens para o bom desenvolvimento da criança?

Nery, buscando explicar a importância da afetividade nos vínculos, faz a seguinte pergunta em seu livro: quem somos? Tentando responder a esta pergunta afirma: dia após dia, só podemos nos ver, ser e existir, sobretudo pela afetividade. São as vivências afetivas aprisionadas no subconsciente, que formam o fundamento da nossa existência heróica. São as marcas afetivas que dão vitalidade, sentido e colorido as nossas ações e aos nossos vínculos.⁴

¹ Marcio Mario Negrão, “Transtornos do Humor II”, pesquisa realizada na internet, no site http://www.organe.com.br/a_thumor2.html, no dia 06 de abril de 2008.

² Ibid.

³ Maria da P. Nery, *Vínculo e afetividade* (São Paulo: Editora Agora, 2003), 25, 27.

⁴ Ibid., 14.

Seja o que for que realizemos durante a nossa existência: uma pergunta, um contato, os papéis que desempenhamos, nossos dramas da vida, nossas comédias, tragédias ou nossos conflitos, tudo está permeado pela afetividade como resultado dos vínculos e da intensidade de nosso relacionamento com o nosso meio, quando dirigidos por esta autenticidade e motivação. É aí que se encontra o sentido para a vida e para o desempenho dos diversos papéis. A existência e a conduta humana estão direta e intimamente associadas à afetividade.¹

Segundo Gilson Muza, crianças que não convivem com o pai acabam tendo problemas de identificação sexual, dificuldades de reconhecer limites e de aprender regras de convivência social. Isso mostraria as dificuldades de internalização de um pai simbólico capaz de representar a infância moral do indivíduo. Tal falta pode ser manifesta de diversas maneiras, entre elas uma maior propensão para o envolvimento com a delinquência.²

Parte considerável da sociedade tem sido influenciada pela realidade pós-moderna na qual vivemos. As mudanças comportamentais na sociedade conduziram a afetividade nos lares à extinção. A Alemanha, pós 2ª guerra mundial, tem demonstrado preocupação com as conseqüências da falta de afetividade em sua sociedade. O pesquisador alemão Michael Cremers, responsável pelo *Bundesfamilienministerium* (Ministério público alemão de família), apresenta em um artigo publicado pela revista mensal *Eltern Family*, uma pesquisa feita nas escolas de ensino fundamental e médio de Berlin, onde foi observado que os meninos estão apresentando um número consideravelmente maior de problemas que as meninas da mesma faixa de idade. Por exemplo: “Eles gaguejam quatro vezes mais que as meninas, sofrem oito vezes mais de asma, obesidade e doenças intestinais e tiques”.³ Foi constatado também que o número de meninos que faltam às classes é o dobro em comparação com a meninas e que “um terço dos que não completam seus estudos são homens”.⁴

Josh Mcdowell comenta que os filhos homens necessitam de mais amor, afeto e atenção do que têm recebido normalmente. Parece que durante séculos o pensamento sempre foi que o homem não deve manifestar sensibilidade, emoções, ou reações típicas do sexo feminino para que não venha a ser feminizado. Foram feitos estudos nas últimas décadas com o “intuito de compreender até que ponto a formação do indivíduo, de seu caráter e seus valores morais estão sendo, ou foram prejudicados devido as conseqüências desta filosofia”.⁵

Mcdowell, devido ao turbulento relacionamento com o seu pai, tem escrito vários livros sobre a relevância do amor paterno para o desenvolvimento saudável dos filhos. Após quase vinte e cinco anos, observando e aconselhando famílias, concluiu que “os pais sentem-se limitados pela falta de habilidades práticas na arte de ser pai, em

¹ Ibid., 19. É inegável que a afetividade é o motor da nossa conduta, direciona-nos motivando-nos para o desempenho hábil de nossos papéis na sociedade.

² Gilson Muza, *Da potência generosa à vítima do vazio*, citado em Paulo Silveira, *Exercício da paternidade* (Porto Alegre: Artes Médicas, 1998), 143-150.

³ Michael Cremers, "Was Jungen von ihren Vaeter lernen", *Eltern Family*, março de 2008, 16, 17.

⁴ Ibid.

⁵ Josh Mcdowell, *Pai e Filhos: Uma relação que faz a diferença* (São Paulo: Editora Candeia, 1999), 3, 4.

transmitir afeto, por razões como: uma infância, adolescência difícil, pais ausentes, um relacionamento familiar difícil, ou por padrões doentios em suas próprias vidas”.¹

Helen Bee cita em seu livro uma pesquisa sobre apego feita na Alemanha Ocidental, Grã-Bretanha, Países Baixos, Suécia, Israel, Japão, China, Estados Unidos, que corrobora o tema em discussão, onde diz que:

Se um apego seguro ou inseguro é produto de determinados padrões de interação pai-filho e se as culturas diferem quanto a tais padrões, seria, então, razoável, se encontrar proporções variáveis de apego seguro, de evitamento e de resistência entre crianças criadas em culturas diferentes.²

Pesquisadores têm tentado identificar as qualidades que contribuem para o sucesso nas relações de ajuda e um bom desenvolvimento familiar. Quanto à afetividade, descobriram a necessidade de fatores como sensibilidade, esperança, compaixão, controle, consciência e conhecimento. Em estudo de quatro anos de duração, as descobertas são inequívocas. As pessoas tendem a melhorar quando estão ao lado de alguém que seja: “1) cordial; 2) sincero; 3) empático. Sem essas características, a condição do indivíduo pode até piorar não obstante outros fatores”.³

Antônio Estrada apresenta nove necessidades que uma criança tem para que venha a ser um indivíduo feliz e equilibrado. Essas necessidades devem ser supridas na família. São elas: “necessidade de um lar; necessidade de aceitação; necessidade de amor; necessidade de carinho; necessidade de disciplina; necessidade de ser escutado; necessidade de reconhecimento e aprovação; necessidade de valores; necessidade de Deus”.⁴ Podemos notar que a afetividade faz parte de várias destas necessidades.

Estrada afirma que “as crianças necessitam em primeira mão é de pais. Pois são os pais que dão origem a sua vida. Mas infelizmente nem todas as crianças podem contar com eles”.⁵

Algumas pesquisas realizadas nos Estados Unidos comprovaram que 61% das crianças americanas não tinham pai. Especialistas como Sara McLanahan e Gary Sandefur, informam que “os filhos que crescem com um só de seus pais biológicos têm mais dificuldades que os filhos que crescem com um lar completo”.⁶

A segunda necessidade de uma criança para vir a ser um homem ou uma mulher de bem, é ter um lar físico, um espaço próprio que lhe dê segurança e estabilidade. “Para que o filho ou a filha seja feliz, necessita ser aceito. Ele ou ela não escolheu nascer, portanto não são responsáveis por sua existência enquanto pequenos”.⁷

Quanto à aceitação, Estrada diz que outra forma de aceitar os filhos é não exigir perfeição e deixar que sejam eles mesmos. Além de aceitação, as crianças

¹ Ibid.

² Helen Bee, *O ciclo vital* (Porto Alegre: Artes Médicas, 1997), 174, 175.

³ Carl R. Rogers, G.T. Gendlin, D. V. Kiesler & C. B. Traus, *The therapeutic relationship and its impact* (Madison: University of Wisconsin Press, 1967), citado em Les Parrott, *Adolescentes em Conflitos* (São Paulo: Editora Vida, 2003), 27.

⁴ Antonio M. Estrada, *Paternidade: Um compromisso com o futuro (PUCCF)*, (Engenheiro Coelho, SP: Editora Unaspress, 2003), 45-65.

⁵ Ibid., 46.

⁶ Ibid., 48.

⁷ Ibid., 49.

necessitam de amor, muito amor. Ninguém pode viver sem amor, e aqueles que sobrevivem apesar da falta de amor, levam uma vida miserável. A fome de amor desnute tanto o espírito quanto a vida, de modo que não resta energia para a criatividade nem para o talento, muito menos para conviver harmoniosamente. As demonstrações físicas de carinho e amor são vitais para as crianças se sentirem aceitas e amadas. Ser generoso e respeitoso, oferecer também o carinho físico aos filhos, o toque amoroso e respeitoso transmite amor, aproximação e aceitação.¹

Para se desenvolver de forma saudável, os filhos necessitam ser escutados por seus pais. Eles necessitam ser valorizados e aprovados. O reconhecimento os motiva a fazer o melhor e os compromete com o trabalho. Pequena ou insignificante que pareça a tarefa da criança, mostre aprovação e reconhecimento, por exemplo, através de elogios.²

Para que uma filha ou filho seja feliz e se converta em uma mulher ou um homem de bem, necessita de um conjunto de valores espirituais envolvendo esperança, fé, devoção e caridade. Valores e virtudes morais, como justiça, temperança, prudência, fortaleza, honestidade, veracidade, lealdade, respeito, domínio próprio, responsabilidade e honra, entre outros.

Foi pela falta de Deus no desenvolvimento da afetividade dos pais para com os filhos que fez com que homens, como Marx, dissessem que “a religião é o ópio da humanidade”.³ Ou Freud, que “considerava a religião como uma regressão a um narcisismo primário necessário para pessoas débeis, como uma evidência de uma infância vulnerável”.⁴

Por melhor que os pais se esforcem para compartilhar todos estes conceitos para o desenvolvimento de uma afetividade equilibrada, ela estará incompleta, se não ensinarmos aos nossos filhos a amar e obedecer a Deus.

2.3 - A relevância da afetividade familiar

As relações de afetividade, o apego, o carinho, o amor transmitido aos filhos pela família, preparam os mesmos para enfrentarem o mundo com todos os seus desafios. A família é o melhor lugar para a expressão da afetividade. Um lar bem organizado, que lhe ofereça os cuidados familiares normais, é a melhor garantia da saúde mental da criança em desenvolvimento. É observando seus pais, o relacionamento deles, seus gestos de carinho, “suas alegrias e desencantos, observando quem é o cabeça e líder, na cooperação entre ambos os pais, que eles, os filhos, são preparados e aprendem a conhecer e desenvolver o seu papel, seja como homem, ou como mulher”.⁵

A Bíblia apresenta, já no primeiro livro, a instituição familiar: “Por isso, deixa o homem pai e mãe e se une à mulher, tornando-se os dois uma só carne,” (Gn 2:24).⁶ Estas palavras são claras quanto à determinação de Deus para a família. Ali, deixa claro que a união de um homem e uma mulher, estaria dando início a uma família. Ele sabia

¹ Ibid., 49-53.

² Ibid., 57-59.

³ Ibid., 63, 64.

⁴ Ibid., 64.

⁵ Arnold Gesell, *A Criança de 5 a 10 anos* (São Paulo: Editora Martins Fontes Ltda, 1993), 19.

⁶ Bíblia Shedd Antigo e Novo Testamento. Versão João Ferreira de Almeida, revista e atualizada (Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 1998).

que, para que os frutos desta união pudessem se desenvolver de maneira saudável e equilibrada, necessitariam da presença dos dois principais integrantes desta instituição, que são: o homem e a mulher; o pai e a mãe, que quando juntos, compõe a família, algo singular, criado para dar estabilidade ao ser humano e à sociedade.

Robert Coles, falando a um grupo de terapeutas familiares declarou:

Cresci no seio de uma família. A maioria das crianças que se tornaram meus professores também foram criadas dentro de uma família. Contudo, não se ensinou a pensar na família como instrumento através do qual as pessoas cooperam, aprendem umas com as outras, se fortalecem mutuamente e, às vezes, erram coletivamente, mas tentam de novo. Ao invés disso, enfatiza Coles, vê-se indivíduos cheios de defesas, tentando controlar seus impulsos e lutando com o superego.¹

Coles descreve que “a compreensão do termo e da função familiar tem tomado rumos diferentes. A família tem sido ignorada, e a sua influência tem sido desagregada da formação do indivíduo”.²

Que tipo de família a sociedade idealiza como modelo? Dolores Curran, em sua pesquisa indica que em uma família bem ajustada, onde os membros se comunicam, existem apoio e estímulo mútuos, respeito e confiança entre os membros, um clima de humor e descontração. “As responsabilidades são compartilhadas, os membros aprendem a diferença entre certo e errado, os laços de família são muito fortes e há respeito pelos rituais e tradições”.³ Existe equilíbrio nas interações de membros, todos compartilham do cerne da crença religiosa, a privacidade de cada um é respeitada, valoriza-se o serviço ao próximo, compartilham juntos os períodos de lazer, as pessoas admitem suas dificuldades e procuram ajuda para resolvê-las.⁴

A afetividade transmitida pela família é primordial. Quando falamos de educação, por exemplo, observamos que com a deficiência da família, os educadores têm se esforçado para demonstrar que, também em sala de aula, se uma criança vem de um lar sem afeto, sem amor, de um círculo familiar ausente, os professores nunca conseguirão preencher o vazio causado pela rejeição, maus tratos, falta de afeto, indiferença, irresponsabilidade, descaso e ignorância.

Nas décadas passadas, se tentou substituir a instituição família pela instituição escola, mas, por fim, tem se comprovado que somente ali, no seio da família, é possível desenvolver a afetividade.

Gabriel Chalita diz que “qualquer projeto educacional sério depende da participação familiar, em alguns momentos, apenas do incentivo; em outros, de uma participação afetiva no aprendizado”.⁵ E também diz que a carência deixada por uma família ausente, a escola nunca vai suprir. “Pai, mãe, avó ou avô, tios, quem quer que tenha a responsabilidade pela educação da criança, deve participar efetivamente sob pena de a escola não conseguir atingir seu objetivo”.⁶ A única alternativa para a

¹ Gary R. Collins, *Aconselhamento cristão* (São Paulo: Editora Vida Nova, 2004), 513.

² Ibid.

³ Dolores Curran, *Traits of a Healthy Family* (Minneapolis, MN: Winston Press, 1983), 67.

⁴ Ibid.

⁵ Gabriel Chalita, *Educação: A solução está no afeto* (São Paulo: Editora Gente, 2001), 17, 18.

⁶ Ibid.

construção de uma sociedade é a família, pois nada substitui o velho lar. “A família tem a responsabilidade de formar o caráter, de educar para os desafios da vida, de perpetuar valores éticos e morais”.¹

Ellen G. White já no final do século XIX, início do século XX, usando uma linguagem mais religiosa, já afirmava muitas das citações acima apresentadas, expressando a importância do vínculo da família, como sendo o mais íntimo, o mais terno e sagrado de todos na Terra. Foi designado a ser uma bênção à humanidade. Ela diz: “Todo lar deve ser um lugar de amor, um lugar onde os anjos de Deus habitem, operando com influência enternecedora e suavizadora no coração dos pais e dos filhos”.² Falando diretamente à pessoa do pai ela diz: “o pai deve fazer a sua parte para tornar o lar feliz”.³

2.4. A afetividade paterna

Como numa empresa, o marido e pai é o cabeça da família. A esposa espera dele amor e interesse, bem como auxílio na educação dos filhos. Os filhos lhe pertencem, da mesma maneira que a ela, e a felicidade deles igualmente lhe interessa. “Os filhos esperam do pai amor e guia; cumpre-lhe ter justa concepção da vida, e das influências e associações que devem rodear sua família”.⁴

A afetividade paterna no decorrer da história foi um tema pouquíssimo discutido. Durante séculos, a imagem masculina foi mantida como um ser dominante, chefe e cabeça da família, onde toda e qualquer aparência de sensibilidade era sinônimo de fraqueza e feminização, algo que era repudiado. Não se imaginava que o afeto dado por ele, e somente por ele, como homem e como pai, pudesse ser tão relevante para o equilíbrio do desenvolvimento do indivíduo social.

Na tarefa da reconstrução e da busca do ideal masculino, nossa sociedade moderna tem se despertado para a consciência acerca dos erros e equívocos que nos levaram, como sociedade, a forjar a imagem atual do homem. Um homem, para ser homem, tem que ser obcecado pelo trabalho, precisa gostar de esportes, de vícios e de mulheres. Não pode ter fragilidade, e não deve expor suas emoções como afeto e carinho. Um homem, para ser considerado homem, tem que negar e temer tudo o que tenha aparência feminina; não chorar, não demonstrar fraqueza ou sensibilidade. Um homem que constrói sua identidade masculina a partir das lições que uma mulher – sua mãe – lhe dá sobre como deve ser um homem.⁵

Robert Bly, que foi o detonador que fez explodir na sociedade norte americana a necessidade de os homens terem um melhor entendimento de si mesmos, trazendo à tona a busca pelo homem e o pai perdidos. Ele diz que “assim como nós, nossos filhos anseiam por esta busca, que não possuem, e na maioria dos casos eles não têm um relacionamento íntimo com o pai”.⁶

¹ Ibid.

² Ellen G. White, *O lar adventista* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2003), 18, 20.

³ Ibid., 211.

⁴ Ibid.

⁵ Antônio Estrada, *Família: Uma sociedade que pode dar certo (FUSQPDC)*, (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2003), 118, 119.

⁶ Robert Bly, *The Sibling Society* (New York: Addison-Wesley, 1997), 116-131.

Em certo sentido, a figura do pai ausente é um fenômeno novo. É um produto de nossa era tecnológica. No passado, apesar do machismo, da falta de afeto, a figura masculina em casa e na família como exemplo era algo comum. Bly fez sérias perguntas e declarações em seu livro que levam à reflexão como, por exemplo: “Quem ensina o menino a como ser homem? Onde estão os modelos masculinos que os meninos precisam para aprender como ser um homem?”¹

E ressalta, ao responder essas interrogações, que existia uma marcante ausência física e emocional do pai na vida dos filhos que fazia com que a mulher se sentisse obrigada a se responsabilizar completamente pela formação deles.

Antes da Revolução industrial, as famílias viviam juntas a maior parte de sua vida. A figura do pai na vida dos filhos estava presente quase diariamente. E, sobretudo, pais e filhos participavam juntos de muitas atividades. Os meninos eram ensinados pelo pai a desempenhar as tarefas próprias do homem provedor. Assim, o menino passava muito tempo ajudando o pai e aprendendo as tarefas agrícolas, o cuidado dos animais ou da oficina. Desde bem cedo na vida, até o casamento, o jovem tinha seu pai modelo. Aprendia dele as virtudes do trabalho e também os vícios e defeitos do homem. Porém pouco tempo havia para o entretenimento prazeroso ou para a conversação de coração para coração. Isso já não era de sua incumbência.²

A afetividade paterna é tão importante, que alguns pesquisadores, a partir de 1970, começaram a estudar o impacto que a afetividade de um pai presente poderia proporcionar e apresentaram pesquisas de grande relevância.

A presença do pai tem um impacto importante no desenvolvimento intelectual das crianças. “Os filhos têm maior habilidade para resolver problemas. Quando o pai brinca fisicamente com a criança de 15 a 30 meses, ela desenvolve um bom nível cognitivo, além de terem um bom desenvolvimento da linguagem e do valor social”.³

Como vimos, é inegável o fato de que a presença do pai é importante na vida dos filhos. Está comprovado que, para um desenvolvimento adequado da criança, esta necessita da convivência com o pai. Necessita do seu carinho, de seu afeto, de sua atenção e do seu calor. O tempo que o pai dedica a seus filhos é a melhor preparação para o êxito.

O sentimento da criança sobre ser ou não ser amada afeta a maneira pela qual ela irá se desenvolver. “Os pais que raramente brincam com os seus filhos, ou que tratam com uma eficiência fria e impessoal, não lhes transmitem as primeiras impressões de sua importância. ... Para a criança pequena, os pais são tão grandes quanto Deus”.⁴

Este capítulo falou sobre afetividade, apresentando o seu significado, como se desenvolve, sua relevância na família e na criação dos filhos e o papel da afetividade paterna. Conclui-se que a afetividade tem uma importante função na vida humana e que experiências afetivas vividas na infância influenciam de maneira significativamente positiva um indivíduo adulto em seu comportamento e em seus relacionamentos.

¹ Ibid., 117.

² Estrada, *FUSQPDC*, 15.

³ Idem, *PUCCF*, 218, 219.

⁴ Dorothy C. Briggs, *A Auto-Estima do Seu Filho* (São Paulo: Editora Martins Fontes, 2002), 14, 17.

III - ESTILOS DE PATERNIDADE E SUAS CONSEQÜÊNCIAS

Desde os tempos mais remotos, a figura paterna tem ocupado uma posição de extrema relevância na formação do caráter dos filhos. No antigo Egito, o pai era responsável pela educação escolar que era acompanhada de preceitos morais e comportamentais rigorosamente harmonizados com as estruturas e as convenções sociais.¹ Portanto, o pai era o principal responsável em preparar os filhos para a vida.

Vivemos em uma era pós-moderna e globalizada, onde a responsabilidade paterna não se limita apenas à de um educador dos tempos antigos que tinha total controle sobre os filhos. Como diz Sérgio Collins: “A nossa sociedade atual encontra-se praguejada de perigos que ameaçam continuamente as crianças e os adolescentes que se preparam para a vida no seio da família e na escola”.² Desta forma, o pai deve buscar um estilo de paternidade ideal para um bom desenvolvimento do caráter dos filhos. Contudo, a maioria dos pais tem negligenciado o seu papel. Como conseqüência, o que se tem observado atualmente é um número crescente de adolescentes indisciplinados e delinqüentes.

Estudos realizados com famílias concluíram que existem quatro estilos de paternidades quanto à maneira de se educar os filhos: paternidade permissiva, negligente, autoritária e autoritativa. Ressaltam que estes estilos de paternidades estão centrados em dois grandes conceitos: apoio e controle.³

Os pais orientados para o controle se preocupam com que seus filhos sejam bons e obedientes. Para isso, estabelecem métodos rígidos de disciplina onde o castigo físico é freqüente. Já os pais orientados para dar apoio aos filhos desprezam o valor da disciplina, acreditam que esta pode tirar a felicidade da infância. Desta forma, se preocupam apenas em transmitir-lhes amor e cuidado, fazendo com que se sintam confortáveis em sua presença.⁴ Portanto, cada estilo de paternidade pode apresentar alto e baixo controle ou alto e baixo apoio.

Baseado nestes dois grandes conceitos, este capítulo tratará dos quatro estilos de paternidades, a saber, a paternidade permissiva, negligente, autoritária e autoritativa, bem como suas conseqüências na formação do caráter dos filhos.

3.1. Paternidade permissiva

Os pais permissivos são caracterizados por apresentarem alto apoio e baixo controle na educação dos filhos. Esses pais geralmente são controlados pelos filhos. Acreditam que, pelo fato deles serem pequenos, devem ser protegidos e amados, procuram demonstrar todo amor e afeto pelos filhos a tal ponto de não fazerem nada que venha frustrá-los ou magoá-los. Para o pai permissivo, o mais importante é o bem estar dos filhos, por isso, não conseguem fazer mais nada a não ser oferecer amor incondicional.

¹ Mario A. Manacorda, *História da educação da antiguidade aos nossos dias* (São Paulo: Cortez Editora, 2006), 11.

² Sérgio Collins, *A família moderna, a solução dos seus problemas* (Santo André, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1966), 24.

³ Estrada, *PUCCF*, 94-95.

⁴ Jack Balswick e Judith Balswick. *The Family: A Christian Perspective of the Contemporary Home* (Grand Rapids, MI: Baker Book House, 1991), citado em Estrada, *PUCCF*, 94.

Os pais permissivos são chamados por John Gottman de *laissez-faire*, que em francês significa “deixe que façam”.¹ Segundo ele, esse estilo paterno demonstra aceitação a qualquer sentimento manifestado pelos filhos, tem grande empatia por eles e os fazem saber que estão com eles em qualquer situação, no entanto, a realidade é que esses pais não sabem como ajudá-los a lidar com as emoções. Desta forma, os pais permissivos não fazem nada com os filhos quando estes manifestam suas emoções de forma imprópria ou descontrolada.² Assim, eles passam a ter o controle sobre os pais em todas as situações. Segundo Nancy Van Pelt, o comportamento sem auto-controle permite com que esses pais se transformem em alvos de pilhéria. Enquanto a criança se orgulha de seu comportamento, os pais se envergonham, pois a criança não os respeita, nem aos outros e nem o que é dos outros.³

Desta forma, esses filhos vivem em um mundo de extrema liberdade, para não dizer, em abandono, mesmo com a presença física dos pais. Nesses lares, quase sempre não existem regras, os filhos entram e saem a hora que bem entendem. Não há horário nem regras que sejam aplicadas, deixando os filhos em total liberdade até mesmo de dormirem fora de casa, e os pais não se interessam muito em saber onde eles andam.⁴ Esse abandono pode ser responsável por condutas desagradáveis, das quais esses pais podem se queixar depois, culpando as escolas, professores e outros.

Os pais permissivos geralmente confundem amizade com permissividade. Acreditam que, pelo fato de serem liberais com os filhos, ganham-lhes a amizade e a confiança. O filho muitas vezes até mesmo exalta o pai, pois o vê não apenas como um pai, mas um amigo, que o entende e o deixa fazer tudo que quiser. Porém, Maurício Knobel nos lembra que o exemplo paterno da vida diária proporciona um modelo sobre o qual a criança de hoje irá construindo sua própria personalidade. Ele afirma que um pai só pode ser isso: pai. Pois, desse modo, promoverá um ambiente sadio, seja ele físico, mental ou social para seus filhos.⁵ Portanto, ser amigo do filho não quer dizer que o pai tem de ser permissivo. O pai tem papel importantíssimo na vida, na formação do caráter e na estruturação da personalidade do filho, porém, amigo, de acordo com Knobel, “tem outro nível, um outro papel, e procura-se, encontra-se, e até troca-se... é outra coisa!”⁶

3.1.2. Conseqüência da paternidade permissiva

Quase todos os estilos de paternidade apresentam aspectos positivos e negativos. Sendo assim, não podemos adotar um e desprezar os demais. O ideal seria adotar um estilo de paternidade equilibrado que pudesse abranger todos os aspectos positivos de cada um deles. No entanto, nota-se que, a grande maioria dos pais assume

¹ John Gottman, e Joan Declaire, *Inteligência emocional e a arte de educar nossos filhos* (Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 1997), 62.

² *Ibid.*, 63.

³ Nancy V. Pelt, *Como formar filhos vencedores* (Tatuí SP: Casa Publicadora Brasileira, 2006), 53.

⁴ Estrada, *FUSQPDC*, 197.

⁵ Knobel, 156-157.

⁶ *Ibid.*, 158-159.

apenas um determinado estilo de paternidade, desta forma, passam a ressaltar apenas os seus aspectos positivos.

Os defensores da paternidade permissiva acreditam que os filhos aprendem desde cedo a valorizar a liberdade e a espontaneidade, aprendem a defender-se por si mesmos, a tomar suas próprias decisões e a resolver seus problemas sem ter que depender dos pais. Afirmam ainda que as pessoas que cresceram sendo espontâneas e independentes serão, quando adultas, indivíduos com alto espírito empreendedor, pois não houve limites para sua iniciativa nem para sua criatividade, assim, o mundo não lhes negará oportunidades.¹

Entretanto, os que são contra este estilo de paternidade, como John Gottman e Joan Declaire, acreditam que há mais aspectos negativos que positivos.² Dentre todos os modelos de paternidade, este é o mais ameaçador para o bem estar da sociedade, pois carece de organização; e como não se adapta facilmente ao que é estabelecido, pode conduzir ao caos e à anarquia. Esse modelo produz indivíduos egoístas, preguiçosos, manipuladores e individualistas que não estão facilmente dispostos ao sacrifício de seus interesses quando o bem-estar dos demais assim o exige. Essas crianças crescem sem um senso apropriado de responsabilidade social, o que as torna frias e indiferentes às necessidades dos outros.³

Esse modelo de paternidade causa sérios danos emocionais nas crianças tornando-as agressivas, impulsivas e pouco realizadas. Vale a pena lembrar a posição de John Gottman ao afirmar que, emocionalmente, essas crianças não recebem nada de positivo, pois não aprendem a regular suas próprias emoções. Muitas vezes não sabem se acalmar quando irritadas, tristes ou perturbadas, o que torna difícil para elas aprender coisas novas. Gottman afirma ainda que, como consequência, estas crianças não se saem bem na escola, apresentando também dificuldades para captar insinuações sociais, o que significa que podem ter dificuldade em desenvolver amizades.⁴

3.2. Paternidade negligente

O pai negligente é caracterizado por dar baixo controle e baixo apoio à criança. Esses pais apresentam deficiência na educação dos filhos tanto nos aspectos físicos como emocionais. Geralmente eles têm consciência de suas responsabilidades para com os filhos, no entanto, não querem pagar o preço que a paternidade exige. Desta forma, filhos e pais vivem em uma mesma casa, porém separados.

Pode-se classificar os pais negligentes em dois modelos. O primeiro é negligente nos aspectos emocionais. Esses pais procuram suprir todas as necessidades físicas dos filhos, porém não lhes dão atenção pessoal, pois se preocupam mais com suas próprias realizações pessoais e status. Geralmente, seus filhos ficam sempre aos cuidados de outras pessoas. O segundo modelo caracteriza-se por negligenciar tanto fisicamente como emocionalmente. Esse modelo é mais comum nas classes baixas. Normalmente, os pais não se preocupam em atender às necessidades básicas dos filhos deixando-os em total abandono, pobreza e fome. Esses filhos crescem sem nenhuma

¹ Estrada, *FUSQPDC*, 196-198.

² Gottman, 62.

³ Estrada, *PUCCF*, 97.

⁴ Gottman, 65.

educação ou noção de valores morais e provavelmente são abusados física e emocionalmente.¹

Nesses dois modelos apresentados, nota-se um ponto comum entre eles: a falta de amor para com os filhos. Isto afeta o desenvolvimento da criança física e emocionalmente. O simples fato do pai suprir as necessidades físicas da criança não implica demonstração de amor, pois a maneira mais óbvia de fazê-lo é por meio do contato físico. No artigo intitulado “*The sense that shapes our future*” (O senso que modela nosso futuro), Lowell Ponte ressalta que pesquisadores da Universidade de Miami confirmaram que bebês prematuros que receberam de três a quinze minutos por dia de massagem lenta e firme ganharam 47 % mais peso que seus companheiros de hospital que não receberam esta atenção. Os prematuros que foram massageados também apresentaram melhora no sono, estado de alerta e atividade. Ao longo de oito meses, eles desenvolveram formidáveis habilidades físicas e mentais.²

A falta de amor também afeta os sentidos emocionais da criança. Pesquisas confirmam a importância do amor e da atenção nos primeiros meses de vida da criança nos aspectos emocionais. René Spitz passou três meses observando as reações dos bebês em um orfanato, onde os empregados estavam tão ocupados que cada criança tinha pouquíssimo tempo da presença de uma pessoa adulta. Ele calcula que 30% dos bebês do orfanato morreram antes de completar um ano de idade. Com isso, Spitz conclui que “Sem experimentar satisfação emocional, as crianças morrem... A fome emocional é tão perigosa como a fome física. Seu efeito é mais lento, porém mais efetivo”.³

3.2.1. Conseqüências da paternidade negligente

Nesse estilo de paternidade é difícil destacar algum ponto positivo. Tanto o controle como o apoio na educação são baixíssimos, pois o pai negligente é ausente tanto física como emocionalmente. Os filhos desses pais aprendem a não dependerem deles para preparar alimento, passar roupa, etc, porém, os aspectos negativos excedem em muito os positivos. Um pai ausente, emocional e fisicamente, contribui para: 1) baixa motivação para o desempenho na criança (desinteresse no aprendizado escolar, relapso nas realizações profissionais, etc.), 2) incapacidade de adiar a gratificação imediata para obter recompensas posteriores, 3) auto-estima debilitada e 4) suscetibilidade à influência do grupo e à delinqüência juvenil.⁴

Nota-se em nossa sociedade um número crescente de adolescentes que se envolvem com sexo pré-conjugal e delinqüência. Pesquisas realizadas na Universidade John Hopkins descobriram que 60% das adolescentes que não tiveram o contato físico e a presença do pai tinham mais probabilidade de praticar relações sexuais pré-conjugais do que as tinham contato e a presença paterna. Pesquisas realizadas em Yale também revelam que a delinqüência e seu alto número de criminalidade, em quarenta e oito

¹ Estrada, *PUCCF*, 94-95.

² Lowell Ponte, *The Sense that shapes our future* (Publicado na *Reader's, Digest*, 1992), citado em: Campbell, 62.

³ René Spitz, citado em: Pelt, 53.

⁴ Armand Nicholi, *Changes in the American Family* (White House Paper, 1984), 7-8, citado em McDowell, Josh McDowell e Norm Wakefield, *A diferença que o pai faz* (São Paulo: Editora Candeia, 1997), 13.

culturas diferentes de todo mundo, eram maiores entre crianças-adultas que haviam sido criadas sem amor e sem a presença paterna.¹

Portanto, essas crianças sem uma boa estrutura emocional, correm alto risco de se tornarem meninos de rua e posteriormente entrar no mundo da delinquência, e para sobreviver, se entregam às drogas, roubo ou prostituição.

Essas crianças também apresentarão concepções equivocadas a respeito de Deus. Estrada afirma que a idéia delas sobre Deus é de um Deus distante que criou o universo e o deixou à deriva. Um Deus que não se interessa muito com o que se passa na terra.²

3.3. Paternidade autoritária

Este estilo de paternidade é caracterizado por apresentar alto controle e baixo apoio. Esses pais geralmente são frios com os filhos, acreditam que, o fato de se aproximarem deles demonstrando carinho e afeto, colocaria em risco o respeito entre ambos. Desta forma, o “respeito” adquirido pela autoridade acaba se tornando uma barreira entre pai e filho que, com certeza, deixará marcas profundas em seu caráter e personalidade.

O pai autoritário geralmente trata o filho como um adulto, privando-o de sua infância, pois sua vontade parece estar acima dos interesses e necessidades da criança. Para esses pais, segundo Estrada, suas obrigações são “providenciar o bem-estar dos filhos e ensiná-los a obedecer. Já a obrigação dos filhos é obedecer, respeitar e até reverenciar os pais”.³ Para esses pais, seus deveres e obrigações se resumem apenas em prover os recursos para suprir as necessidades da família.⁴ Geralmente eles substituem as regras pela autoridade, mantendo os filhos sempre sob seus olhos o tempo todo. Sua linguagem está sempre no imperativo, como “venha cá” ou “faça o que eu digo”.⁵

Ao contrário dos pais permissivos, os pais autoritários educam os filhos com mãos de ferro. Controlam todas as suas atitudes e se vêem no direito de dominá-los por meio de disciplinas severas como a agressão física. Segundo Gottman, esses pais alegam agir desta forma afim de colocar os filhos na linha. No entanto ele ressalta que, muitas crianças obedecem apenas para evitar o sofrimento físico e isto faz com que elas se sintam impotentes, injustiçadas e furiosas com os pais.⁶ Geralmente esses pais confundem disciplina com castigo. Ross Campbell nos assegura que disciplinar é ensinar a criança o caminho que deve seguir.⁷

3.3.1. Conseqüências da paternidade autoritária

¹ Josh McDowell e Dik Day, *Why Wait* (San Bernardino, CA: Here's Lif Publishers, 1987), 60.

² Estrada, *PUCCF*, 99.

³ Ibid.

⁴ Ibid.

⁵ Elizabeth P. Constantino, org., *Um olhar da psicologia sobre a educação* (São Paulo: Editora Arte e Ciência, 2003), 32.

⁶ Gottman, 108.

⁷ Campbell, 128.

Para os que são partidários da paternidade autoritária, este modelo apresenta aspectos positivos que ajudarão no desenvolvimento emocional da criança. Ressaltam que, as crianças oriundas desses lares desenvolvem respeito pela autoridade e pelos outros; disciplina; segurança; estabilidade e certeza e facilidade de se lidar.¹

No entanto, parece que os aspectos negativos se sobrepõem aos positivos. Num lar onde a autoridade é exaltada, o amor não é desenvolvido: A autoridade nos força a mudar, porém, só o amor nos move à mudança. Um caráter formado em cima de severa autoridade resultará em grandes problemas emocionais. Na visão de Mauricio Knobel, “o autoritarismo é semente de angústia e de rebeldia que pode levar a criança ou jovem a não estudar, não trabalhar, não ‘ligar’, criando confusões e brigas no lar e na sociedade”.² Endossando este pensamento, Estrada ressalta que esses filhos serão pessoas dependentes, submissas, tendo baixa auto-estima, inseguras, difíceis de tomar decisões, crescem com hostilidade contra os pais, pois estes, em vez de obedecidos eram temidos, e posteriormente, os filhos acabam revelando uma atitude de ódio e rebeldia contra eles.³

Infelizmente, esses sentimentos causados por essa desestrutura emocional podem levar a criança a um extremo perigoso. Pelo fato de ter sido tratado com rejeição e violência, esse indivíduo refletirá tais atitudes para com as outras pessoas, desta forma, ele poderá sofrer rejeição em seu grupo social. Helen Bee nos assegura de que esses problemas provavelmente irão conduzir o jovem para um grupo com desvio de comportamento e inclusive para a delinqüência.⁴

Um outro aspecto negativo que poderá caracterizar em filhos criados sob severa autoridade está relacionado à visão que ele tem sobre Deus e sobre a religião, se os pais forem religiosos. Esses filhos demonstrarão traços de perfeccionismo em suas vidas cristãs com a intenção de ganhar o favor divino, pois têm a visão de um Deus duro, autoritário, cruel e vingativo. Por isso, apresentarão grande senso de culpa quando errarem e grande dificuldade de perdoarem a si mesmos. Em casos extremos, poderão se tornar irreligiosos e até mesmo ateus.⁵

3.4. Paternidade autoritativa

De todos os estilos de paternidade vistos, este parece ser o mais proeminente, pois é caracterizado por apresentar elevado controle e elevado apoio aos filhos. Ao contrário do permissivo e do autoritário, este tipo de pai se preocupa não apenas com o bom comportamento dos filhos, mas também que se sintam aceitos, valorizados e amados. Este estilo de paternidade foi adotado pela primeira vez por Diana Baumrind como paternidade “com autoridade”.⁶ Em estudos que fez sobre crianças em idade pré-escolar nos anos 70, ela verificou que os filhos de pais autoritários costumavam ser mais conflitados e irritados, enquanto os filhos de pais permissivos eram impulsivos e

¹ Estrada, *FUSQPDC*, 196.

² Knobel, 117.

³ Estrada, *PUCCF*, 100.

⁴ Helen Bee, *A criança em desenvolvimento* (Porto Alegre: Editora Artmed, 2003), 39.

⁵ Estrada, *PUCCF*, 100.

⁶ Diana Baumrind, *Child Care Practices Antecedent Three Patterns of Preschool Behaviour* (Genetic Psychology Monographys, vol. 75, 1975), 43-48, citado em Gottman, 33.

agressivos, inseguros e pouco realizados. Mas os filhos de pais com autoridade, ou seja, pais autoritativos, tinham boa vontade, eram mais seguros, enérgicos, simpáticos e ambiciosos.¹

Diferente da autoritária, na paternidade autoritativa os pais impõem limites, mas são consideravelmente mais flexíveis e dão muitas explicações e muito carinho aos filhos. Esses pais não abrem mão da autoridade, limites e regras, mas, sabem aplicar a disciplina quando necessário. Para Estrada, essa disciplina está baseada no respeito, amor e compromisso. O pai autoritativo não é rígido ou ditatorial, mas procura orientar e ensinar a criança a ter domínio próprio, ponderação, decisão e responsabilidade pelas conseqüências de suas ações.²

Parece que esses pais estão enquadrados dentro de um perfil, chamado por Gottman de “preparadores emocionais”.³ Esses pais se destacam por saberem lidar com os problemas emocionais dos filhos. Seu trabalho de preparação emocional é compatível com as formas positivas de disciplinas que procura definir para a criança o que pode acontecer se ela agir mal. Esses pais procuram reagir com os filhos enquanto eles estão calmos, ou seja, os ânimos não precisam ser exaltados para que a criança receba a atenção que deseja. Com o tempo, estas crianças sentem-se compreendidas e importantes, sem precisar fazer cenas para serem ouvidas.⁴

Muitas vezes, os pais magoam os filhos com palavras ou atos, pois isto pode acontecer em todas as famílias. Ao contrário do pai autoritário, o pai autoritativo não tem vergonha de pedir desculpas aos filhos. Isto proporciona situações de aprendizado e intimidade, fazendo com que os pais tenham mais uma oportunidade de mostrar aos filhos formas de lidar com sentimentos desagradáveis como culpa, arrependimento e tristeza.⁵

3.4.1. Conseqüências da paternidade autoritativa

Esse estilo de paternidade apresenta resultados bastante relevantes, pois, parece unir o que há de positivo em todos os outros modelos, colaborando para a formação de indivíduos totalmente equilibrados e preparados para diversas circunstâncias da vida.

Esse estilo de paternidade produz filhos obedientes e respeitosos para com as pessoas e com as leis, mas não cegamente, pois aprenderam também a raciocinar. Como cresceram em liberdade e respeito, usam sua independência de maneira inteligente. São indivíduos responsáveis, seguros, audaciosos e capazes. Na adolescência, dificilmente se rebelarão contra os pais, pois estes lhes demonstraram firmeza e amor. Desta forma, os valores que receberam em sua criação, não deixarão que sejam influenciados pela pressão do grupo.⁶

Os filhos de pais autoritativos geralmente apresentam excelente preparo emocional. “Eles tem melhor desempenho acadêmico, são mais saudáveis e mais sociáveis. Tem menos problemas de comportamento e se recuperam mais facilmente de

¹ Ibid.

² Estrada, *PUCCF*, 101.

³ Gottman, 65.

⁴ Ibid., 69.

⁵ Ibid.

⁶ Estrada, *PUCCF*, 101.

experiências tristes. A criança emocionalmente inteligente está preparada para lidar com os riscos e os desafios”.¹

A paternidade autoritativa tende a influenciar positivamente o indivíduo no aspecto religioso. Geralmente, filhos oriundos desses lares são pessoas religiosas. Sua visão de Deus não é de um ser vingativo, frio e calculista que está sempre procurando castigar os seus filhos. Estrada nos assegura de que a crença deles em Deus é a de um Deus que combina justiça e misericórdia. Vêem Nele uma autoridade suprema. Como aprenderam a noção do significado de autoridade, não têm medo Dele. Pelo fato de saberem que Deus respeita sua liberdade, sua religião não é imposta e sim uma resposta de fé e convicção.²

Neste capítulo, vimos que os estilos de paternidade estudados podem apresentar aspectos positivos e negativos que estabelecerão a base da formação do caráter dos filhos. O estilo permissivo produz filhos espontâneos e criativos, mas também podem ser irresponsáveis, irreverentes e sem compromissos com as leis, pois não aprenderam a cumpri-las. O estilo negligente produz filhos irresponsáveis, descompromissados, desmotivados e com grandes probabilidades de cair no mundo da delinquência. O estilo autoritário pode formar filhos respeitosos para com as autoridades e os outros, disciplinados e fáceis de se lidar. No entanto também podem ser dependentes, submissos às regras, incompetentes com suas responsabilidades sociais, etc. Já o estilo autoritativo parece exceder a todos os outros por apresentar apoio e controle elevados, preparando filhos competentes, responsáveis, sinceros, bem equilibrados emocionalmente, com boa escolaridade e bom raciocínio.

Concluimos, portanto, que a nossa sociedade não passa de um reflexo de todos estes estilos de paternidade. A maneira como os pais têm educado os filhos pode prepará-los para o bem ou para o mal, para o sucesso ou para o fracasso, para a vida ou para a morte. Um lar bem estruturado forma filhos que posteriormente serão fortes pilares da sociedade. Portanto, o papel do pai na sociedade moderna tem se tornado cada vez mais desafiador, por isso faz-se necessário a busca incansável por um estilo de paternidade equilibrado, que supere a todas as expectativas da sociedade moderna.

IV - RESULTADOS CAUSADOS NO CARÁTER DA CRIANÇA/ADOLESCENTE PELA AUSÊNCIA/PRESENÇA FÍSICA E EMOCIONAL DO PAI

4.1. Filhos de mães divorciadas, solteiras e viúvas

Nas últimas décadas, a sociedade tem despertado para a necessidade da compreensão da importância do papel masculino, do marido, do pai, do homem em si, na família e na sociedade. Nesta tentativa de encontrar respostas, estudos e pesquisas³ foram e estão sendo realizados para a melhor compreensão do papel do homem, e descobrir se o aumento dos problemas sociais vividos atualmente como criminalidade, abusos, alto número de mães solteiras, da falta de respeito dos filhos para com os pais, abuso e alta dependência de drogas, mau desempenho tanto na escola quanto no

¹ Gottman, 71.

² Estrada, *PUCCF*, 102.

³ Julia Roennebeck, “Die Bedeutung der An- bzw. Abwesenheit des Vaters fuer die Kindesentwicklung”, pesquisa realizada na internet, no site <http://www.hausarbeiten.de/faecher/vorschau/>, no dia 28 de setembro de 2008.

trabalho, a promiscuidade, entre outros, possui alguma relação com a função do pai e seu preocupante desaparecimento do lar.

Cada dia que passa, parece que as estatísticas demonstram que o número de crianças que crescem com a presença somente de um dos pais é cada vez maior. Estudos feitos em Düsseldorf, na Alemanha, demonstram que em 1996, 148.000 crianças foram vítimas de divórcio de seus pais, sendo assim, elas foram obrigadas a crescerem na companhia de somente um deles.¹ Outra pesquisa feita nos círculos escolares de Düsseldorf, demonstrou que aproximadamente 1,8 milhões de crianças abaixo de 18 anos vivem somente com um dos pais, sendo que 85% dos casos com a mãe.²

No Brasil, não é muito diferente. Uma estatística apresentada pelo IBGE, demonstrou que em 2005, o número de separações judiciais (100.448) concedidas foi 7,4% maior que em 2004, retomando uma trajetória de crescimento. Os divórcios concedidos também tiveram acréscimo de 15,5% em relação a 2004, passando de 130.527 para 150.714.³

Nos Estados Unidos, o país das pesquisas, elas demonstraram que, em 2003, 975.164 pessoas se divorciaram e que o divórcio tem sido uma das principais causas para a ausência do pai no lar e no acompanhamento do desenvolvimento dos filhos.⁴

Ana Stuart, com base em pesquisa realizada em 2003, diz que se tem comprovado pelo mundo que a emancipação das mulheres tem sido o grande vilão causador de divórcio e que em todo o Brasil, 72% dos pedidos de separação são feitos pelas mulheres.⁵ Stuart atribui essa razão à independência feminina. “Elas estudam, trabalham e estão sempre atualizadas. Não têm mais medo de ficarem sozinhas, não precisam de um patrão, mas de um companheiro”.⁶

Segundo Stuart, os pedidos de dissolução são feitos pelas mulheres devido aos seguintes típicos motivos: quando há um desgaste do casamento e a esposa não consegue enxergar mais o cônjuge como esposo se tornando como se fossem parentes ou amigos vivendo sob o mesmo teto, atesta. “O alcoolismo e a dependência química são outras típicas razões”.⁷

Nesses casos de divórcios, tanto no exterior quanto no Brasil, estatísticas demonstram que na maioria dos casos os filhos ficam com as mães. O IBGE atesta que 90% dos casos os filhos ficam com elas.⁸

Assim como nas informações apresentadas acima, onde é constatado que o número de divórcios e mães divorciadas com filhos está em constante crescimento a

¹ Matthias Franz, “Vaeter fuer Kinder”, pesquisa realizada na internet, no site <http://www.vaeterfuerkinder.de/franz.htm>, no dia 28 de setembro de 2008.

² Ibid.

³ “Estatística do Registro Civil 2005”, pesquisa realizada na internet, no site http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=752, no dia 14 de setembro de 2008.

⁴ “Divorce Rate - 2003 USA”, pesquisa realizada na internet, no site <http://www.999-life.com/marriage-divorce-us.htm>, no dia 14 de setembro de 2008.

⁵ Ana Stuart, “Donas do Jogo”, pesquisa realizada na internet, no site <http://www.acesa.com/mulher/arquivo/eles/2005/02/28-divorcio/>, no dia 14 de setembro de 2008.

⁶ Ibid.

⁷ Ibid.

⁸ Ibid.

cada ano, a realidade das mães solteiras não é diferente. Na Alemanha, uma pesquisa realizada em 1997, demonstrou existirem aproximadamente 2,8 milhões de mães solteiras.¹

Ana Claudia Cruz diz em matéria que escreveu para a revista *Crescer*, que escolher ser mãe, mesmo que solteira, é um fenômeno crescente em todo o mundo. Nos Estados Unidos, ele chamou a atenção da socióloga Rosanna Hertz e resultou no livro, *Single by Chance, Mothers by Choice (Solteiras por Acaso, Mães por Opção)*.² No Brasil, não há estudos específicos sobre a mulher que decide assumir a chamada produção independente. As estatísticas que tratam de mães solteiras em geral surpreendem: dados de um estudo do Ibope Mídia, realizado entre 18 e 24 de agosto de 2006, onde foram realizadas 16.768 entrevistas com pessoas de ambos os sexos com idades entre 12 e 64 anos, sobre mães contemporâneas nas principais regiões metropolitanas do país, como São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Porto Alegre, Curitiba, Recife, Fortaleza e Salvador, apontaram que um terço das mães brasileiras não viviam com companheiros e nem eram casadas.³

Para as viúvas, a realidade também não é fácil. A diferença entre ela e as outras duas classes de mães é que ela não buscou esta situação social. No entanto, com a morte de seu companheiro, elas além de terem que superar o sofrimento da perda e encarar a nova condição, passam a se enquadrar no quadro de mães que têm que criar, sustentar, educar e preparar seus filhos para enfrentar a selva de pedra do mundo. “Elas têm uma missão de sustentar e educar o filho, dar amor e responder perguntas como: ‘Tenho pai?’, ‘Onde ele está?’; um assunto que muitas vezes ela mesma quer esquecer”.⁴

Quais são, pois, os resultados causados no caráter e na formação da criança, quando esta é criada por uma mãe divorciada, solteira ou viúva?

Ramom Urzúa diz que adolescentes, filhos de pais separados, tendem a apresentar “maiores problemas acadêmicos e de rendimento escolar e maior consumo de substâncias químicas”.⁵ Filhos de pais separados ficam facilmente dependentes emocionalmente e procuram amigos do sexo oposto aos quais se apegam de maneira dependente e imatura.⁶

Pesquisa feita no estado de Bayer, na Alemanha, em 1997, demonstrou que crianças que crescem sem a presença do pai têm a tendência de apresentar as seguintes características: “baixa consciência de si; não são independentes; não são autônomas;

¹ Projekt 21, “Lebensformen von Familie”, pesquisa realizada na internet, no site http://www.cdu.de/projekt21/familie/fakten_part01.htm, no dia 28 de setembro de 2008.

² Ana Claudia Cruz, “Mãe Solteira, Sim, mas por Escolha”, pesquisa realizada na internet, no site <http://revistacrescer.globo.com/Revista/Crescer/0,,EMI817-10520,00.html>, no dia 28 de setembro de 2008.

³ Flavio Ferrari “Mães Contemporâneas”, pesquisa realizada na internet, no site <http://www.ibope.com.br/calandraWeb/servlet/CalandraRedirect?temp=5&proj=PortalIBOPE&pub=T&db=caldb&comp=IBOPE+Mídia&docid=91F1A66CF21C4017832571FE0047247E>, no dia 01 de outubro de 2008. Para informações sobre a metodologia utilizada foi realizada uma pesquisa na internet, no site <http://www.ibope.com.br/midia/mc2006/metodologia.htm>, no dia 07 de outubro de 2008.

⁴ Denise Domingos, “Mães que criam Sozinhas”, pesquisa realizada na internet, no site http://guiadobebe.uol.com.br/vidademae/maes_que_criam_os_filhos_sozinhas.htm, no dia 28 de setembro de 2008.

⁵ Ramom Urzúa, *Familia y salud de los jóvenes* (Santiago, Chile: Ediciones Universidad Católica de Chile, 1994), 160.

⁶ Ibid.

não querem saber de responsabilidade, ou compromisso com outras pessoas; são fechadas e anti-sociais; são infelizes e não são capazes de resolver conflitos”.¹

Além de concordar com estes resultados, Wassilios E. Fthenkis acrescenta alguns itens: “deficiência no desenvolvimento da identidade masculina; agressividade; dificuldade em lidar com as frustrações, nervosismo e tristeza”,² além de influenciar na forma de como lidar e tratar o sexo oposto.³

Martim Hoffmann diz que, no que concerne ao desenvolvimento dos valores morais, ao contrário da filha, o filho obtém a idéia de moral diretamente do contato e observação do comportamento do pai.⁴ Fthenakis diz que o fator da ausência do pai contribui para o homossexualismo e à formação de homens e pais passivos.⁵

Também tem sido comprovado, em diversos estudos,⁶ que crianças que crescem sem a presença do pai têm grande risco de sofrerem na vida adulta de diversos transtornos psíquicos e psicossomáticos, além da dificuldade de relacionamento.

Observamos que a mãe, quer seja por divórcio, quer por decisão de produção independente de filhos, ou por ter sido abandonada pelo seu parceiro ou por ser viúva, não tem uma vida fácil. O preço que tem que pagar, e a responsabilidade que carrega, é consideravelmente elevada.

4.2. Pais presentes fisicamente e ausentes emocionalmente

Desde os primeiros anos de vida, a maioria das crianças tem sido forçada a conviver com a ausência do pai. Muitas vezes, a busca pelo sustento do lar, o sucesso profissional, ou até mesmo a negligência deliberada tem causado um profundo abismo entre pais e filhos.

Como vimos no capítulo anterior, a presença física do pai é indispensável no desenvolvimento do caráter da criança, pois, juntamente com o conhecimento adquirido no lar pelos tratos e observações, formam-se o caráter e a personalidade. Adquire também um conjunto de qualidades que determinam sua conduta e distinguem-na das demais. Contudo, a presença emocional do pai é um fator indispensável nesse processo. De acordo com Bee, “o tom emocional da família é de importância básica para a criança”.⁷ Pais carinhosos se importam com seus filhos demonstrando afeição, empatia, sensibilidade aos seus sentimentos, prioridades as suas necessidades, etc. Pais que

¹ Kinder – Familie – Zukunft, eine Handreichung der EAF Bayer “Alleinerziehende Familie“, pesquisa realizada na internet, no site <http://www.pappa.com/mmdm/pp/all.htm>, no dia 28 de setembro de 2008.

² Wassilios Emmanuel Fthenkis, *Engagierte Vaterschaft: die sanfte Revolution in der Familie* (Muenchen: Leske e Budrich, 1999), 121.

³ Idem, *Vaeter: Zur Psychologie de Vater- Kind- Beziehung* (Muenchen: Urban e Budrich, 1988), 1:323.

⁴ Martin Hoffmann, *The Role of the Father in Moral Internalization* (in Lamb, *The Role of the Father in Child Development*, 2nd ed., 1981), 359-378, citado em Ross Park “How do Fathers Fit In?”, pesquisa realizada na internet, no site <http://www.civitas.org.uk/hwu/fathers.php>, no dia 28 de setembro de 2008.

⁵ Fthenkis, *Vaeter*, 323.

⁶ Roennebeck, <http://www.hausarbeiten.de/faecher/vorschau/>, 28/09/2008.

⁷ Hellen Bee, citado em Constantino, 32.

rejeitam os filhos demonstram claramente que não os amam através de seus comportamentos e palavras.¹ Desta forma, a criança deve ser auxiliada em dois aspectos: primeiro, suas necessidades imediatas como alimentação, calor, abrigo e proteção; segundo, proporcionar um ambiente no qual possa desenvolver suas capacidades físicas, mentais, sociais e emocionais. Para tanto é necessária uma atmosfera de afeição e segurança.²

Estudos realizados por Sheldon e Eleanor Glueck sobre a delinqüência juvenil em famílias de níveis econômicos diferentes, confirmaram que um dos grandes fatores da delinqüência não está relacionado ao fato do indivíduo viver na pobreza, mas sim ao relacionamento entre a criança e os pais. Essas crianças tinham a presença do pai, no entanto, desde cedo foram por eles rejeitadas e freqüentemente sofriam punições físicas bastante severas.³ Diante disto, vale a pena lembrar as palavras de Bowlby ao nos assegurar que:

mesmo que a criança seja pessimamente alimentada e abrigada, mesmo que viva suja e doente, mesmo que seja maltratada, ela se sentirá segura (a não ser que os pais a rejeitem totalmente) por saber que tem algum valor para alguém que se empenhará em cuidar dela, mesmo que inadequadamente, até que ela consiga se arranjar por si mesma.⁴

Portanto, as interações emocionais entre pais e filhos são de extrema importância, pois as crianças que são capazes de sentir o amor e o apoio dos pais têm um bom desenvolvimento intelectual e habilidades para resolver problemas. Além do mais, são mais protegidas contra os males que afetam a nossa sociedade como: comportamento anti-social, vício das drogas, violência, suicídio, atividade sexual precoce, etc.⁵ Em contrapartida, a ausência emocional pode ter conseqüências negativas no rendimento dos filhos, tendo mais probabilidades de não concluírem a educação secundária, viverem na pobreza, divorciarem-se mais cedo, terem filhos sem se casar, cometerem delitos, etc.⁶ Em estudos realizados com alunos que se formaram em medicina na Universidade John Hopkins, entre 1948 e 1964, concluiu-se que doenças como hipertensão, coronárias, tumores malignos, doenças mentais e suicídio foram resultados diretos da falta de relação estreita com o pai.⁷

Portanto, a ausência paterna pode apresentar fatores negativos tanto nos aspectos morais dos filhos como também físicos e emocionais. A presença física do pai não é o suficiente, há a necessidade de atenção, carinho e afeto. A criança precisa se sentir aceita e segura ao lado do pai para que possa se desenvolver de forma completa.

4.3. Pais presentes física e emocionalmente

¹ Ibid.

² Bowlby J., *Uma base segura* (Porto Alegre: Artes Médicas, 1989), 29, citado em Constantino, 29.

³ Sheldon e Eleanor Glueck, citado em Bee, 303.

⁴ Constantino, 31.

⁵ Ibid., 36.

⁶ Mclanaham e Booth, citado em Estrada, *PUCCF*, 220.

⁷ Estrada, *PUCCF*, 221.

A criança que cresce tendo a presença física e emocional do pai desenvolverá um caráter superior ao daquela que não teve esta experiência. “Demonstrar interesse, acompanhar atividades significativas para a criança favorece o desenvolvimento da empatia e o amadurecimento das emoções, prevenindo a depressão infantil ou o comportamento agressivo”.¹

A presença do pai é necessária para o bom desenvolvimento físico, moral e emocional do filho. “Pai algum conseguirá compreender seu filho, se não entrar em contato com ele. E para entrar em contato é preciso intimidade”.² O pai deve ajudar a mãe na tarefa de educar seu filho, Ellen White já escrevera: “se tendes filhos, tendes uma obra a fazer, em união com a mãe, na formação do caráter deles”.³ Ela exorta para o afeto e a bondade sem esquecer da autoridade e da restrição:

Pais... combinai o afeto com a autoridade, a bondade e simpatia com a firme restrição. Dedicai a vossos filhos algumas de vossas horas de lazer; relacionai-vos com eles; associai-vos com eles em seus trabalhos e brinquedos e captai-lhes a confiança. Cultivai a camaradagem com eles, especialmente os meninos. Tornar-vos-eis, assim, uma forte influência para o bem.⁴

A questão do homossexualismo é muito discutida e Estrada afirma que a atuação da mãe muito influencia na causa da homossexualidade masculina, porém, a “presença afetiva e a boa relação que o pai tenha com seu filho contribuem para o desenvolvimento de uma adequada identidade de sexo nos filhos homens”.⁵ Gilson Bifano diz que é o pai o responsável por mostrar o caminho da masculinidade, e não se deve esperar da mãe esta responsabilidade. Ele diz ainda que “quando o menino acorda para a presença do pai, e percebe o elo profundo que é preciso desenvolver entre ambos, tem início sua viagem rumo à masculinidade”.⁶

A autoridade do pai geralmente é superior à da mãe; por este motivo sua influência auxilia a mãe na educação dos filhos, “especialmente quando estes atingem certa idade torna-se necessária a influência do pai, a par com a da mãe, para refrear, controlar e guiar”.⁷

¹ Paula I. C. Gomide, “Pais presentes Pais ausentes: Regras e limites”, pesquisa realizada na internet, no site <http://pt.shvoong.com/books/1802374-pais-presentes-pais-ausentes-regras/>, no dia 26 de setembro de 2008.

² Malcolm Montgomery, *O novo pai, a dimensão da paternidade* (São Paulo: Editora Saraiva, 1993), 108. Ellen White comenta também que o pai deve ter intimidade com seu filho: “o pai de meninos deve entrar em contato íntimo com seus filhos, dando-lhes o benefício de sua grande experiência, e falando com eles com tal simplicidade e ternura que os ligue ao seu coração”. White, *CPPE*, 128.

³ Idem, *Fundamentos da Educação Cristã*, em Obras de Ellen G. White (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, s.d.), 65, 66, 1CD-Rom.

⁴ Idem, *A Ciência do Bom Viver*, em Obras de Ellen G. White (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, s.d.), 391 e 392, 1CD-Rom.

⁵ Estrada, *FUSQPDC*, 144.

⁶ Gordon McDonald, *Segredos do coração de um homem*, citado em Gilson Bifano, “Família” pesquisa realizada na internet, no site <http://www.batistadocalvario.com.br/estudos.asp?codigo=13>, no dia 26 de setembro de 2008.

⁷ Ellen G. White, *A fé pela qual eu vivo*, em Obras de Ellen G. White (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, s.d.), 265, 1CD-Rom.

4.4. Conseqüências negativas da ausência do pai

A ausência da figura paterna traz várias conseqüências, entre elas: propensão para enfermidades, falta de confiança no próprio pai, filhos inseguros e muito dependentes, menor rendimento escolar, baixa auto-estima, muita ansiedade quanto ao futuro, renúncia à intimidade emocional com a mãe e mais tarde com a esposa. Os filhos se tornam presa fácil de gangues e líderes fanáticos (religiosos, políticos ou de outra natureza). Segundo o Dr. Loren Moshen, do Instituto Nacional de Saúde Mental, a ausência do pai constitui um fator muito mais decisivo para a ocorrência da delinqüência juvenil que a pobreza ou mesmo a marginalização social.¹

Pais ausentes ou desatentos erram em não prover estimulação e afeto que são responsáveis pelo “desenvolvimento da auto-estima da criança, tornando-a insegura, desamparada. Essa falta de interação, de vínculo afetivo ou o desinteresse podem ser desencadeantes de comportamentos anti-sociais”.²

Os filhos abandonados pelo pai têm dificuldade de lidar com sentimentos gerados por este abandono, tornando-se crianças depressivas, com sentimento de baixa auto-estima, além de gerar sentimentos de ódio e de inveja. Falta de comunicação e conflitos familiares podem resultar em fuga de casa por parte de adolescentes. Pode-se citar também o alcoolismo paterno, violência familiar, abuso físico ou sexual como causa de fuga.³ Outra conseqüência da ausência paterna é a delinqüência, causado pela “falta de supervisão paterna”.⁴ Hostilidade, indiferença ou apatia e falta de união também são fatores de delinqüência.⁵ A perda de um dos pais muito cedo está entre as causas para tentativa de suicídio e também “a instabilidade familiar progressiva e discórdia”.⁶

O escritor John M. Drescher fala que “a rejeição pelos pais é um dos principais fatores que levam as crianças a uma vida de crimes”.⁷ Esta afirmação foi comprovada pela pesquisa realizada por Widom que acompanhou crianças vítimas de violência sexual, física ou de negligência, e os resultados mostraram “correlação entre a vitimação na infância e o aumento proporcional de envolvimento com atos delinqüentes, a criminalidade na vida adulta e comportamentos violentos e altamente destrutivos”.⁸ Ele lembra que nem todas as crianças que crescem em lares abusivos ou negligentes se tornam adolescentes ou adultos problemáticos. Widom ainda cita que na cultura americana as ocorrências de casos de negligência são três vezes maiores do que de casos

¹ Estrada, *FUSQPDC*, 139 – 145.

² Gomide, <http://pt.shvoong.com/books/1802374-pais-presentes-pais-ausentes-regras/>, 26/09/2008.

³ Paul H. Mussen, John J. Conger, Jerone Kagan, Aletha C. Hustn, *Desenvolvimento e personalidade da criança* (São Paulo: Editora Harba Ltda, 2001), 603.

⁴ *Ibid.*, 610.

⁵ *Ibid.*, 611.

⁶ *Ibid.*, 617.

⁷ John M. Drescher, *Sete necessidades básicas da criança* (São Paulo: Editora Mundo Cristão, 1993), 27.

⁸ Cathy S. Widom, “The Cycle of Violence”, pesquisa realizada na internet, no site <http://www.aic.gov.au/conferences/ncv2/widom.pdf>, no dia 26 de setembro de 2008.

de violência, e que “a correlação é extremamente significativa entre negligência e comportamentos criminosos violentos”.¹

Neste capítulo, foram apresentados os vários motivos pelos quais as crianças sofrem a ausência do pai: mães que decidiram ter filhos sem se casarem, mães que se divorciaram ou ficaram viúvas e por último, filhos que têm seus pais fisicamente em casa mas que de alguma maneira não os têm emocionalmente. Foram apresentadas também estatísticas que mostram que essa situação cresce a cada ano e as conseqüências sentidas na formação dos filhos. Conclui-se, portanto, que a presença física e emocional do pai é imprescindível para uma correta formação do caráter dos filhos.

CONCLUSÃO

A família teve, tem e terá sempre um papel decisivo na formação do caráter e na transmissão dos valores morais aos filhos. Vimos que família envolve relacionamento e que é seu papel propiciar condições favoráveis para que seus integrantes possam se desenvolver da maneira tão saudável quanto possível. No passado, apesar das dificuldades, quando se pensava em família, era claro que era composta por pai, mãe e filhos. O pai sempre teve na história da humanidade o papel de líder e provedor, consciente de suas responsabilidades para o pleno desenvolvimento de seus filhos.

A afetividade tem uma fundamental função, que quando transmitida de maneira saudável, age de forma parecida como a de anticorpos na mente, caráter e personalidade dos filhos. Devido à nova realidade da sociedade, que com o avanço do movimento feminista das últimas décadas, a importância do homem, pai e marido se reduziu. Nesta discussão foi deixado claro que todo filho homem necessita de amor, não teórico, e sim, um amor concreto da pessoa pai; necessita de tempo, atenção, contato físico, de ser observado em seu comportamento e atitudes, para que ele, o filho, obtenha um crescimento maduro, estável e seja emocionalmente maduro.

As paternidades: permissiva, negligente, autoritária e autoritativa, bem como suas conseqüências, tanto positivas, quanto negativas, influenciam na formação do caráter dos filhos.

Resultados concretos de pesquisas e observações feitas em várias partes do mundo confirmam que a ausência do homem, marido e pai é um fato, e que as conseqüências na vida do filho, enquanto criança e em sua idade adulta, são inevitáveis.

Concluimos, pois, que após todas as pesquisas e informações apresentadas neste artigo, que as crianças, que são obrigadas a crescerem sem a presença do pai enfrentam uma realidade extremamente difícil em comparação com aquelas que crescem acompanhadas pela presença do mesmo. Primeiro, porque com a falta do pai, não há uma orientação segura de como enfrentar a sua vida diária. Segundo, falta-lhes a afeição masculina que lhes proporciona equilíbrio emocional que irá influenciar em todas as outras áreas de sua vida e que nem sempre pode ser substituído pelo amor materno.

Com este artigo, gostaríamos de despertar a atenção da sociedade para a relevância da presença do pai no desenvolvimento do filho, para que este tema não fosse tomado com descaso e que a sociedade como um todo, reconheça o papel do pai na formação moral e emocional dos filhos.

¹ Ibid.